

SOCIEDADE BRASILEIRA E AS QUESTÕES DE GÊNERO: A ATUALIDADE DE SIMONE DE BEAUVOIR

Aline Tondolo¹

RESUMO

O presente artigo faz uma análise da evolução da sociedade brasileira sobre as questões de gênero, a partir do estudo da obra clássica de Simone de Beauvoir “O Segundo Sexo” após quase 70 anos de sua publicação. Realiza uma reflexão acerca das discussões de gênero, concepção de mulher e o contexto da sociedade na época em que a obra foi publicada. Igualmente, analisa a contemporaneidade que existe na obra de Beauvoir, através da identificação dos fatos relacionados as discussões de igualdade de gênero que aproximam o século passado com a realidade atual.

Palavras-Chave: Gênero; Movimento feminista; Simone de Beauvoir; O segundo sexo.

1 Introdução

As relações de gênero, da forma que são entendidas atualmente, são ideias que foram construídas pela sociedade ao longo dos anos, as quais indicam orientações de comportamento adequado para homes e mulheres. O gênero então, se constitui como forma de referir as origens da identidade subjetiva do homem e da mulher.

Como forma de justificar as identidades subjetivas, criadas culturalmente pela sociedade, discursos tentavam relacionar as discrepâncias sociais de homens e mulheres, com base nas diferenças biológicas existentes entre os sexos. Tais discursos ainda sobrevivem em nossa sociedade, os quais insistem em colocar as mulheres em uma esfera social distinta dos homens.

No entanto, o uso do termo gênero recusa a ideia que exista uma característica natural que justifique a subordinação da mulher no meio social. Da mesma forma que, rejeita a separação de homens e mulheres em esferas distintas, de modo que tratar a mulher como um sexo isolado remete a ideia de que um sexo tenha nada, ou muito pouco a ver com o outro.

Nesse contexto, em 1949, a filósofa francesa Simone de Beauvoir publica seu famoso livro O segundo sexo, o qual aborda diretamente as questões de gênero e de subordinação

¹ Pós-graduanda em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela Faculdade Damásio. Bacharel em Direito pela UNIJUÍ.

feminina na sociedade. Simone de Beauvoir vive em uma época marcada pelo sistema patriarcal, no qual a mulher é tratada como sujeito inferior e o homem ocupa a posição de poder nas mais diversas relações sociais. No século XX, a sociedade era muito conservadora e seguia padrões que até então não haviam sido expostos/questionados com tanta veemência. Devido a isso, quando Beauvoir publica sua obra, muitos consideraram uma afronta, algo inadmissível, pois a filósofa aborda questões das quais não era comum que alguém questionasse e principalmente pela condição de ser uma mulher que estava expressando suas ideias e por querer escrever sobre mulheres.

2 O segundo sexo

A obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir foi publicada em 1949 e teve importância fundamental na retomada do movimento feminista, considerado por muitos teóricos, como Norberto Bobbio (1992), o principal movimento social do século XX. A obra se constitui em uma incisiva defesa de um ponto de vista, que ainda hoje encontra grandes dificuldades em se fazer ouvir. Na época em que foi publicada gerou muitas polêmicas, pois levantou questões históricas, psíquicas, políticas e sociais que enfatizaram a forma com que os homens tratavam as mulheres e como as próprias mulheres se enxergavam, o que perdura até hoje, praticamente 70 anos depois de sua publicação.

Por sua importância, Simone de Beauvoir pode ser considerada uma das grandes pioneiras do movimento feminista, sendo que a leitura da obra despertou enorme interesse perante o movimento feminista nascente, apresentando inquietações sobre as possibilidades de escolhas individuais que decorrem da conjuntura que a sociedade estabelece para o indivíduo. Esse interesse ultrapassa a década de 1970 e 1980, sendo que mesmo após a sua morte, sua obra serve como inspiração para outras autoras pensarem sobre mulher e questões de gênero (OLIVA, 2013).

2.1 Contexto Social

Para Beauvoir (1967, v. 2, p. 9) “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher”. Com essa frase a autora inicia o segundo volume da polêmica obra *O Segundo Sexo*. Em meados do século XX, mais especificamente 1949, época em que foi publicado o livro, a sociedade ocidental, herdeira de um modelo patriarcal de organização social, ainda considerava inconveniente que a mulher pensasse de forma distinta do homem. A mulher não tinha liberdade para fazer juízo de suas próprias atitudes e a sociedade impunha que esta agisse de

acordo com suas acepções. Diante disso, as obras da escritora Simone de Beauvoir, especialmente *O Segundo Sexo*, eram consideradas uma afronta aos padrões estabelecidos na época, pois incentivavam uma rebeldia e insubordinação que em muito contribuiu para uma revolução feminista que viria a acontecer, na qual a mulher pudesse ter voz e participação ativa na sociedade, sendo protagonista de sua própria história.

Buscando reconstruir sua própria história, a autora acaba reconstruindo a história de opressão de todas as mulheres. Assim, “o resultado do desenvolvimento do que poderia ser a busca pela resposta à pergunta ‘o que é uma mulher?’ somado à ‘revelação’ de Beauvoir em relação à sua formação é a extensa obra composta por dois volumes: *O Segundo Sexo*.” (OLIVA, 2013, p. 17).

2.2 O ponto de vista de “O segundo sexo”: desnaturalizando as causas da opressão

Beauvoir, nas primeiras colocações que faz em sua obra, demonstra a sua inquietação em relação ao papel de submissão que as mulheres reproduzem e, principalmente, a aceitação dessa condição. Isso se reflete pelo fato do homem possuir sobre a mulher a superioridade econômica e cultural, desencadeando como consequência a não recusa da mulher em ocupar a condição de “outro” (GUIMARÃES, 2015, p. 32). Nas lições da autora,

Um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é de o mais humilde destes se sentir superior: um "pobre branco" do sul dos E.U.A. tem o consolo de dizer que não é "um negro imundo" e os brancos mais ricos exploram habilmente esse orgulho. Assim também, o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres. (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 19).

De acordo com Bedasee (2000, p. 109) Beauvoir estrutura seu livro a partir de textos literários, criando um vínculo entre a “análise da condição feminina e literatura”. Dessa forma, evidencia-se o lugar de Simone de Beauvoir na história da crítica feminista. Segundo Toril Moi (apud BEDASEE, 2000, p. 109) a crítica feminista é “um tipo específico de discurso político: uma prática teórica e crítica comprometida contra o patriarcalismo e o sexismo.”

A obra realiza uma análise profunda da situação da mulher enquanto submissa a fatores que dificultam essa desvinculação de tal condição (SANTOS, 2010), o que a leva a discutir do ponto de vista biológico, psicanalítico, histórico como “que a mulher foi definida

como o Outro e quais foram as consequências do ponto de vista masculino.” (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 23). Para corroborar sua análise, insere na obra, (mais precisamente no segundo volume) depoimentos de mulheres em relação “ao mundo que lhes é proposto” (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 23). Segundo a autora,

Comecei a olhar as mulheres com um olhar novo e fui indo de surpresa em surpresa. É estranho e estimulante descobrir de repente, aos quarenta anos, um aspecto do mundo que salta aos olhos e que não era percebido. Um dos mal-entendidos que meu livro suscitou foi que se pensou que nele eu negava qualquer diferença entre homens e mulheres: ao contrário, ao escrevê-lo, medi o que os separa; o que sustentei foi que essas dessemelhanças são de ordem cultural, e não natural. Conteí sistematicamente como elas se criam, da infância à velhice; examinei as possibilidades que este mundo oferece às mulheres, as que lhes são recusadas, seus limites, suas oportunidades e faltas de oportunidades, suas evasões, suas realizações. Compus assim o segundo volume: “A experiência vivida”. (BEAUVOIR, 2009, p. 146).

Em função desta capacidade de análise, aponta Kruks (apud SANTOS, 2010), a questão que se realça no texto de Simone de Beauvoir é a noção de “desigualdade social”, que não se daria de forma natural, ou seja, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.” (BEAUVOIR, 1967, v. 2, p. 9).

Conforme Beauvoir afirma, a mulher é uma construção diante das condições que lhe são impostas. Dito isto, percebe-se que a mulher nunca conseguiu construir um mundo exclusivamente feminino, ou seja, ela está integrada em uma sociedade dominada pelo masculino e regida por padrões impostos por eles. A autora afirma ainda que a igualdade dos sexos só será realizada quando a sociedade fizer as mesmas exigências entre homens e mulheres, ou seja, uma educação igualitária entre meninas e meninos, que oportunizaria que ambos aprenderiam a conviver em “um mundo andrógeno” e não em uma sociedade masculinizada (GUIMARÃES, 2015).

2.3 A importância de Beauvoir e de sua obra

Beauvoir foi uma mulher que despiu-se de preconceitos e paradigmas para “mergulhar de cabeça” em um trabalho que fez com que seu nome fosse marcado na história, dado que “fora capaz de traduzir os anseios e desejos de muitas mulheres, tornando-se o principal referencial teórico do movimento feminista dos anos 60/70.” (MENEZES, 2016, p. 93). Foi,

assim, uma mulher de coragem, pois desafiou os padrões da época, especialmente recusando o casamento e a maternidade, além de relacionar-se de maneira aberta com o também filósofo Jean-Paul Sartre. Simone não se limitou ao ambiente doméstico, pelo contrário, “se encontrava pelas noites” (SENKEVICS, 2016).

A partir de *O Segundo Sexo*, considerada por muitos a principal obra de Simone de Beauvoir, e o marco da segunda onda do feminismo, a filósofa expõe ao seu público-alvo que a intenção de suas obras não é criar uma verdade absoluta e sim, demonstrar a trajetória da mulher no contexto cultural que “supervaloriza o homem”, restando a mulher o papel de “outro” (GUIMARÃES, 2015, p. 30).

A obra ganha especial relevância diante de um cenário no qual o movimento feminista vivia uma espécie de retrocesso. Tendo nascido a partir da modernidade, e no bojo das lutas pela universalização dos direitos, o feminismo se consolida durante o século XIX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos como uma luta pelo direito ao sufrágio universal. No entanto, após a conquista do voto, que se deu na grande maioria dos países nas primeiras décadas do século XX, o movimento perde vigor, perde motivação, e começa a enfrentar um momento de retração.

Por esta razão, afirma Joice Nielsson (2016) esta obra inicia um novo caminho na teoria feminista: o da explicação. Seu propósito, como recorda Célia Amorós (1997), não é reivindicativo ou político, como havia sido o feminismo anterior, mas empreendia o formato da construção de uma teoria explicativa sobre a subordinação das mulheres, revitalizando princípios iluministas através de seu existencialismo. Consequentemente, embora seja correto afirmar que de certo modo a obra resume a etapa anterior, refletindo sobre o caminho percorrido e sobre as conquistas obtidas, sua novidade radica em inaugurar uma nova maneira de fazer feminista, na qual o feminismo surge como uma teoria explicativa da organização social e filosófica do mundo. Neste caminho, ademais, coloca as bases da interdisciplinaridade como uma das características da investigação feminista, ao abordar a partir da história, da psicologia, da biologia e da antropologia as causas da subordinação (NIELSSON, 2016).

Beauvoir parte de um questionamento: O que é uma mulher? Destacando o paradoxo desta questão quando, ao contrário, “um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade” (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 9).

Contestar a questão inicial implica indagar o tipo de relação que mantem as mulheres e homens. E a resposta é encontrada por ela na alteridade: o homem define a mulher não em si mesma, mas em relação à ele. Ser mulher não significa ser um indivíduo autônomo – como haviam demandado as ilustradas e as sufragistas - mas ser a outra. Este outro/a, aplicado a mulher é o eixo temático do livro, dado que a ideia de alteridade está presente em todas as culturas, e implica sempre a presença de dois conceitos recíprocos: o outro e o próprio (NIELSSON, 2016). Todavia, quando aplicada a relações entre homens e mulheres, não há reciprocidade, não há simetria entre os termos como se fossem dois polos opostos em que a um deles, o homem – “se tenha imposto como o único essencial, negando toda relatividade em relação a seu correlativo, definindo este como a alteridade pura” (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 12). Para explicar a situação da mulher como a Outra, Beauvoir recorre a filosofia hegeliana e a relação amo-escravo como exemplo de luta pelo reconhecimento da autoconsciência. Do mesmo modo que o escravo se reconhece na consciência autônoma do amo, a mulher se reconhece no macho e busca nele seu futuro e seus valores “não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*.” (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 15).

Uma segunda questão central que permeia, *O segundo sexo* é, segundo Nielsson (2016), a da construção cultural do que significa ser mulher, refletida em sua celebre afirmação “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1967, v. 2, p. 9), com a qual a autora descarta prontamente um essencialismo feminino que vincula a uma concepção naturalista das mulheres, seus atributos, defeitos e virtudes (AMORÓS, 1997, p. 108). Frente às explicações biologicistas e deterministas, Beauvoir nega a existência do ‘feminino’, afirmando a complexa origem cultural e social do que era ser uma mulher, afinal, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”, mas “é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*”. (BEAUVOIR, 1967, v. 2, p. 9).

3 A atualidade de Beauvoir

Ser mulher no século XX não foi uma tarefa fácil, assim como ser negro, homossexual, índio, etc. Porém, apesar de toda dificuldade enfrentada, Simone de Beauvoir foi uma mulher que se destacou em seu tempo, uma das maiores pensadoras do século

passado. Simone desafiou-se em encontrar a identidade feminina em um período em que diversos acontecimentos estavam ocorrendo e a sociedade enfrentava mudanças drásticas. O século XX ficou caracterizado como um cenário de diversas transformações sociais. Foi uma época marcada por duas Guerras Mundiais, que devastou o mundo inteiro, deixando como herança a incredulidade e desesperança na humanidade.

A obra de Beauvoir causou grande impacto no que tange os debates sobre feminismo na sociedade. Para Chaperon (1999, p. 37) “jamais uma obra escrita por uma mulher para mulheres suscitara tamanho debate.” O contexto social da época contribuía para que a polêmica tomasse maiores proporções, visto que, como a própria autora destaca “um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade” (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 9), afinal, o gênero masculino sempre foi mais valorizado que o feminino, o homem sempre ocupou uma posição social superior a mulher.

Os estudos feministas naturalmente causam polêmicas, pois tem por finalidade a equiparação de direitos entre homens e mulheres, através da desconstrução de protótipos atribuídos pela sociedade. Esse processo causa um desconforto para a sociedade conservadora, pois tudo aquilo que desvia-se do modelo padrão, da ordem, da moral e dos bons costumes propicia controvérsia. Nesse sentido, cabe destacar que,

(...) Os estudos feministas constituem-se, assim, como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o autoquestionamento como “marca de nascença”. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertezas. (LOURO, 2002, p.14).

Diante desse contexto, verificamos que apesar das contribuições de Simone de Beauvoir para o feminismo enquanto movimento político/social, observamos que atualmente sua figura parece camuflada e por vezes silenciada no cenário atual.

3.1 O Brasil da atualidade e o gênero

As discussões acerca do tema gênero, enquanto objeto de estudo e pesquisas, surgiram a partir da percepção das desigualdades presentes na sociedade, a qual apresenta predominância masculina na dominação do espaço público e privado. Enquanto à mulher é destinado o espaço doméstico e as tarefas pouco valorizadas, além da submissão a figura masculina, pelo chamado sistema de patriarcado. O debate acerca de gênero perpassa as

questões sobre a mulher, mas também abrange o contexto social e os reflexos da classificação e seu lugar na sociedade, tanto do homem como da mulher.

Dessa forma, verificamos que trabalhar com gênero é observar as relações sociais entre homens e mulheres e a sua construção enquanto sujeitos, contrariando os aspectos pré-estabelecidos que remetem a ideia de subalternidade entre os indivíduos. Nessa perspectiva dispõe Louro (1997, p. 21) que “para que se compreenda o lugar de homens e mulheres em uma sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo que socialmente se construiu sobre os sexos.”

As discussões sobre relações de gênero vêm tomando espaço no meio social. No entanto, não há uma compreensão ampla do assunto pela maioria dos indivíduos. Observamos que a sociedade brasileira está culturalmente marcada por normas, ideias, hábitos, fortemente caracterizadas por comportamentos machistas. Infelizmente, uma grande maioria de pessoas (tanto homens, quanto mulheres) não reconhecem a mulher enquanto sujeito de direitos iguais ao dos homens. Por vezes, as próprias mulheres não reconhecem a sua condição na sociedade. Nessa perspectiva, há que se destacar que:

A análise das condutas das mulheres começa com o reconhecimento do fato de que o gênero é a ampliação de poder do macho, direta e indiretamente, e que esta noção de gênero que foi útil na luta contra o essencialismo e o naturalismo, deve ser criticada. (...) buscando mostrar que as mulheres se afirmam como tais, se dão como objetivo principal a construção de si mesmas enquanto sujeitos livres e pensam que através da sexualidade que se realiza esse esforço de construção com ou sem sucesso. (TOURAINÉ, 2007, p. 23-24).

O Brasil ainda enfrenta muita dificuldade para a inserção dos debates de gênero no meio social. Até mesmo no ambiente acadêmico há dificuldades em expandir os estudos sobre esse conceito. A resistência que insiste em permanecer no meio social e que impede a propagação dos assuntos relacionados ao gênero nas diversas esferas sociais, dificulta a efetiva erradicação das desigualdades de gênero, pois,

Ao aceitar que as mulheres têm características inerentes e identidades objetivas consistentes e predizivelmente diferentes das masculinas, e que elas geram definitivamente necessidades e interesses femininos, os historiadores deixam implícito que a diferença sexual é um fenômeno natural e não social. (...) A história das mulheres escrita dessa perspectiva e a política que ela engendra, termina por endossar as ideias de uma diferença

sexual inalterável, que são usadas para justificar a discriminação. (SCOTT, 1990, p. 16).

Infelizmente, a realidade brasileira demonstra diariamente que a discriminação de gênero está cada vez mais presente. Cada dia que passa observamos os discursos de ódio se proliferarem pela sociedade, principalmente através das redes sociais, que reproduzem uma sociedade violenta e discriminatória. Recentemente vivenciamos um episódio que demonstrou o quanto a sociedade brasileira está retrocedendo em relação aos aspectos humanísticos. Após 42 horas do assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, a internet foi inundada de comentários, opiniões e discursos preconceituosos e baseados em argumentos falsos e discriminatórios. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas, a postagem mais compartilhada (32 mil retuítes no twitter) faz menção a Marielle Franco, a qual leva a entender que a própria vítima seria culpada do seu assassinato. E o mais impressionante (ou apavorante) é que o discurso de ódio não é criado apenas por indivíduos que não possuem formação acadêmica ou conhecimento jurídico, pelo contrário, um deputado federal do DEM e uma desembargadora foram denunciados pela Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD) ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) pelos crimes de ódio cometidos nas redes sociais contra a vereadora.

O episódio, ocorrido com a vereadora Marielle, faz com que analisamos sob diferentes aspectos o que está levando a nossa sociedade a tornar-se cada vez mais punitivista, preconceituosa e violenta, sob o argumento que a violência é necessária para acabar com a violência (vai entender!). Por que a nossa sociedade tem a necessidade em algumas circunstâncias de culpar a vítima? Por ser mulher? Por ser negra? Por ser de origem pobre? Ou pelo fato de que o empoderamento feminino gera medo? Era melhor que Marielle tivesse ficado calada? Quem mandou se meter com “gente grande”? Questões estas (e muitas outras) nos fazem pensar no papel que a mulher vem aos poucos ocupando na sociedade e aquele que a sociedade machista e patriarcal espera que a mulher ocupe. Beauvoir já alertava que a mulher reconhece que o universo em seu contexto é masculino e dominado por ele. Assim ela não se vê responsável, pois entende que é inferior, dependente e não se reconhece enquanto sujeito face aos outros membros da sociedade (BEAUVOIR, 1970). Beauvoir (1970) ainda afirma que há veracidade na expressão que aduz que a mulher é uma “eterna criança”, devido a situação que ocupa, na qual aceita sem discussões as regras de comportamento impostas pelos homens, mantendo-se inerte e evitando discussões. Assim sendo, para as mulheres resta a “obediência e o respeito” que origina-se da “própria ineficiência e da ignorância” das

mulheres. Nessa perspectiva, quando a mulher não corresponde aos anseios masculinos ou não aceita a lógica masculina, ela é inserida em um dilema que perturba sua própria existência, pois “estas de acordo, ou não estás; em nome de todo o sistema dos princípios admitidos, ela deve estar de acordo: recusando sua adesão, é todo o sistema que recusa” (BEAUVOIR, 1970, v. 2, p. 377-378). Portanto, “é pela violência que se faz preciso, em cada ocasião, obrigá-la a endossar as consequências de sua submissão incerta” (BEAUVOIR, 1970, v. 2, p. 378).

3.2 O que é “mulher” hoje?

Verificamos anteriormente que a discussão sobre gênero ainda é um tema nebuloso, que encontra barreiras para ser inserido na sociedade brasileira. No senso comum, acredita-se que vivemos em uma sociedade que alcançou o patamar de igualdade e que esse assunto não necessita ser discutido. Entretanto, observamos que apesar de todo o avanço e conquistas obtidos nos últimos anos, as mulheres ainda são discriminadas por questões de gênero ou vinculadas à condição de “ser mulher”.

A visão comum está amparada, no campo jurídico, pelo fato de que nossa Constituição, em seu art. 5º garante formalmente a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Entretanto, infelizmente vivemos em uma sociedade estruturada no patriarcado, que é apoiada e alimentada pela cultura patriarcal, que faz com que as garantias legais permaneçam como promessas jurídicas e formas que não conseguem se efetivar. Essa cultura baseada no patriarcado criou dicotomias baseadas na distinção de gênero, ao mesmo tempo em que hierarquizou as relações entre homens e mulheres, tornando os primeiros superiores aos últimos. Nessa ordem social é reservado à mulher o papel da reprodução e ao homem é atribuído o espaço público e consequentemente o poder. Beauvoir, já fazia essa crítica na década de 40:

Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é, já o vimos, a conciliação de seu papel de reprodutora com seu trabalho produtor. A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é sua escravização à função geradora. (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 153).

Beauvoir (1967), acertadamente, relatava como o universo feminino foi “atacado” e manipulado desde sua infância, como a menina é preparada para as maravilhas da

maternidade, com todos os seus benefícios morais e com suas obscuridades (deveres e doenças), as monotonias dos afazeres domésticos, sendo tudo isso justificado para somente cumprir seu papel de procriadora. No entanto, pela vontade masculina, para não prejudicar a vida social e profissional de seu companheiro, ela é levada a renunciar à sua “condição”, submetendo-se à subalternidade perante o homem e aguardando que ele faça a “intervenção” sobre seu corpo quando o considerar necessário. Em face dessa situação, a filósofa aduz: “eis que se aguarda ansiosamente a volta do escorrimento vermelho que mergulha a menina no desespero.” Essa afirmação reafirma as questões psíquicas que as mulheres tendem a sofrer durante todas as fases de sua vida.

Esta situação se perpetua em pleno século XXI, apesar das mulheres terem conquistado muito espaço no meio público e privado, além de ocuparem ambientes que até pouco tempo pareciam improváveis para elas. Beauvoir (1967) destaca que a mulher encontra-se dividida entre seus interesses pessoais e a sua vocação sexual, tendo dificuldade em manter-se em equilíbrio.

3.3 Por que as mulheres tornam-se mulheres?

Constatar que, praticamente 70 anos depois da publicação de *O Segundo Sexo*, e da libertação que o gênero promoveu, ao reafirmar que “não se nasce mulher, torna-se”, libertando muitas mulheres de destinos até então inexoráveis e fatalistas, há que se questionar, a partir dos fatos expostos até o momento, porque tantas mulheres continuam ‘tornando-se’ mulheres? Porque as mulheres continuam aprisionadas a estereótipos, papéis, lugares e destinos de inferiorização, discriminação, opressão e violência?

“Tornar-se” mulher, refere-se a influência externa da cultura e também do constituir-se como tal. Tornar-se mulher significa escolher aquilo que o indivíduo quer ser, aquilo que projetou para si. Assim “nós nos tornamos nosso gênero e não nosso corpo” (PASSOS, 2000, p. 46). Para Beauvoir, o gênero é construído continuamente, através de um processo que ocorre sem interrupções, constituído por escolhas, construção, reconstrução, que se desenvolve através de reflexões (PASSOS, 2000).

Para Butler (apud SANTOS, 2010, p. 119), o verbo “tornar-se” também refere-se a uma determinação passiva, constituída a partir de um sistema de “linguagem patriarcal e falocêntrica”, da qual necessita questionamentos a respeito dos mecanismos dessa construção. Mesmo que o indivíduo nasça com o corpo de mulher, o ato de “tornar-se” mulher requer o

desenvolvimento de um “processo de apropriação e reinterpretação advindas de possibilidades culturais.”

Nesse contexto é possível questionar: “Como tornar-se mulher?” Inicialmente, para as mulheres tornarem-se mulheres, “é necessário reconstruir essa natureza, resignificá-la, sair da condição de má-fé e assumir verdadeiramente sua existência, com todos seus riscos” (MENEZES, 2001, p. 105). Essa tarefa é mais árdua do que parece, pois inconscientemente a nossa sociedade subdivide aspectos relacionados ao masculino e feminino, que contribuem para essa divisão binária dos sexos que concebemos atualmente.

Esses paradigmas sociais dificultam o processo de “tornar-se mulher”, pois quando se nasce do sexo feminino, várias expectativas e reflexos sociais são atribuídos ao indivíduo que acabou de vir ao mundo. Para haver essa mudança social, é necessário deixar de estabelecer domínios justificados por aspectos de gênero. Nesse viés:

Se as mulheres haverão de participar plenamente, como iguais, na vida social, os homens haverão de compartilhar por igual na educação dos filhos/as e outras tarefas domésticas. Enquanto as mulheres forem identificadas com este trabalho “privado”, seu status público sempre será debilitado. Esta conclusão não nega – como se pode deduzir – o fato biológico de que são as mulheres, e não os homens, as que parem as criaturas; o que nega é o suposto patriarcal em virtude do qual o fato natural pressupõe que unicamente as mulheres podem criá-las (...) isto pressupõe algumas mudanças radicais na esfera pública, na organização da produção, e no que entendemos por “trabalho” e na prática da cidadania. (PATEMAN, 1996, p. 51).

Para Beauvoir (1967), levando em consideração que o indivíduo deriva de uma construção social, não há que se dizer que existe um destino fisiológico de hostilidade entre o macho e a fêmea humana. A mulher não é vítima e não deve ser tratada como tal, pois elas podem escolher o seu destino. A libertação é uma tarefa social, cultural, coletiva, mas é também uma tarefa da própria mulher, dos próprios indivíduos, que se dará pela sua consciência e pelo seu trabalho.

4 Considerações finais

Inicialmente, observamos que Simone de Beauvoir além de uma grande filósofa e escritora, foi uma das grandes personalidades do milênio passado, isso porque teve grande influência para o surgimento do movimento feminista e principalmente por levantar questões sociais que até então estavam silenciadas. Verificamos que a obra *O segundo sexo* de Simone

de Beauvoir, apesar de várias décadas após a sua publicação, pode ser considerada uma obra atual. O cenário brasileiro demonstra que a mulher ainda não adquiriu a função de sujeito, sendo que continua ocupando a posição de “Outro” nas relações sociais.

Ler Simone de Beauvoir atualmente é um exercício intelectual, pois nos desafia a olhar ao nosso redor e refletir sobre nossas próprias certezas e sobre as relações de poder das quais fizemos parte. Digo isso, pois em uma análise superficial, o senso comum aduz que o feminismo tem um discurso obsoleto, que não mais se aplica na sociedade atual, visto que a figura feminina nos mais diversos setores da sociedade e isso, por si só, remete a ideia que alcançamos um patamar de igualdade. Entretanto, Simone de Beauvoir, apesar de escrever em uma época muito anterior a que estamos vivendo hoje, aborda questões que no Brasil ainda encontram dificuldades de inserção, quais sejam: legalização do aborto, sexualidade, equiparação salarial, desigualdade e violência doméstica, entre outras. Diante desse cenário, o conteúdo da obra *O segundo sexo* assusta, visto que aborda de forma clara tais questões e principalmente porque faz o leitor pensar acerca das desigualdades e privilégios de gênero.

Simone de Beauvoir e *O segundo sexo* já fizeram muito, no entanto, observamos que há muito o que se fazer. A nossa sociedade ainda é muito conservadora e possui características do sistema patriarcal, o que remete a resistência em falar abertamente sobre questões de gênero ou qualquer outro assunto que venha de encontro aos padrões anteriormente estabelecidos socialmente e definidos como “corretos”. A construção de uma sociedade mais humana, compreensiva e aberta, se dá através dos seus indivíduos, no sentido de que: se são estes os responsáveis por criar paradigmas, também são os mesmos responsáveis por desconstruí-los. Dessa forma, esse deve ser um compromisso assumido por todos aqueles que fazem parte da sociedade, não somente pelos grupos oprimidos. Quando falamos em Simone de Beauvoir, nos remetemos a um indivíduo que assumiu a condição de ser humano como um todo que se inquieta a partir das injustiças sociais, e resolve pensá-las. Afinal, qual é o nosso papel na sociedade?

Referências

AMORÓS, Celia. *Hacia una crítica de la razón patriarcal*. Barcelona: Anthropos, 1997.
BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

_____. *A força das coisas*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

_____. *O Segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEDASEE, Raimunda. Simone de Beauvoir e a crítica feminista. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Marcia (Org.). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CHAPERON, Sylvie. O auê sobre o segundo sexo. *Cadernos pagu*, Campinas, v. 1, n. 12, 1999. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634461>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

GUIMARÃES, Maira. *O universo feminino à luz de Simone de Beauvoir: vida, ficção e teoria*. Dissertação (Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Epistemologia feminista e teorização social: desafios, subversões e alianças*. Coletânea Gênero plural. Miriam ADELMAN; CilsilBrönstrup SILVESTRIN (org). Curitiba. UFPR, 2002.

MENEZES, Magali Mendes. *A mulher enquanto outro na obra de Simone de Beauvoir*. 2001. Disponível em: <http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/dialogo/2001_n2/mmmenezes.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

NIELSSON, Joice Graciele. *O liberalismo democrático igualitário e a justiça feminista: um novo caminho*. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

OLIVA, Juliana. *Identidade e reciprocidade em o segundo sexo de Simone de Beauvoir*. Dissertação (Pós-Graduação Stricto Sensu em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

PASSOS, Elizete. O existencialismo e a condição feminina. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Marcia (Org.). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

PATEMAN, Carole. Críticas feministas a la dicotomia publico/privado. In: CASTELLES, Carme (Org.). *Perspectivas feministas en teoria política*. Barcelona: Paidós, 1996.

SANTOS, Silvana Mara Morais; OLIVEIRA, Leidiane. *Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços*. Katálises. Florianópolis v. 13 n. 1 p. 11 a 19 janeiro-junho 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Mulher e realidade: mulher e educação*, Porto Alegre: Vozes, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

SENKEVICS, Adriano. *Viver sem tempos mortos, mas em tempos sombrios*. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/simone-de-beauvoir/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2007.